

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

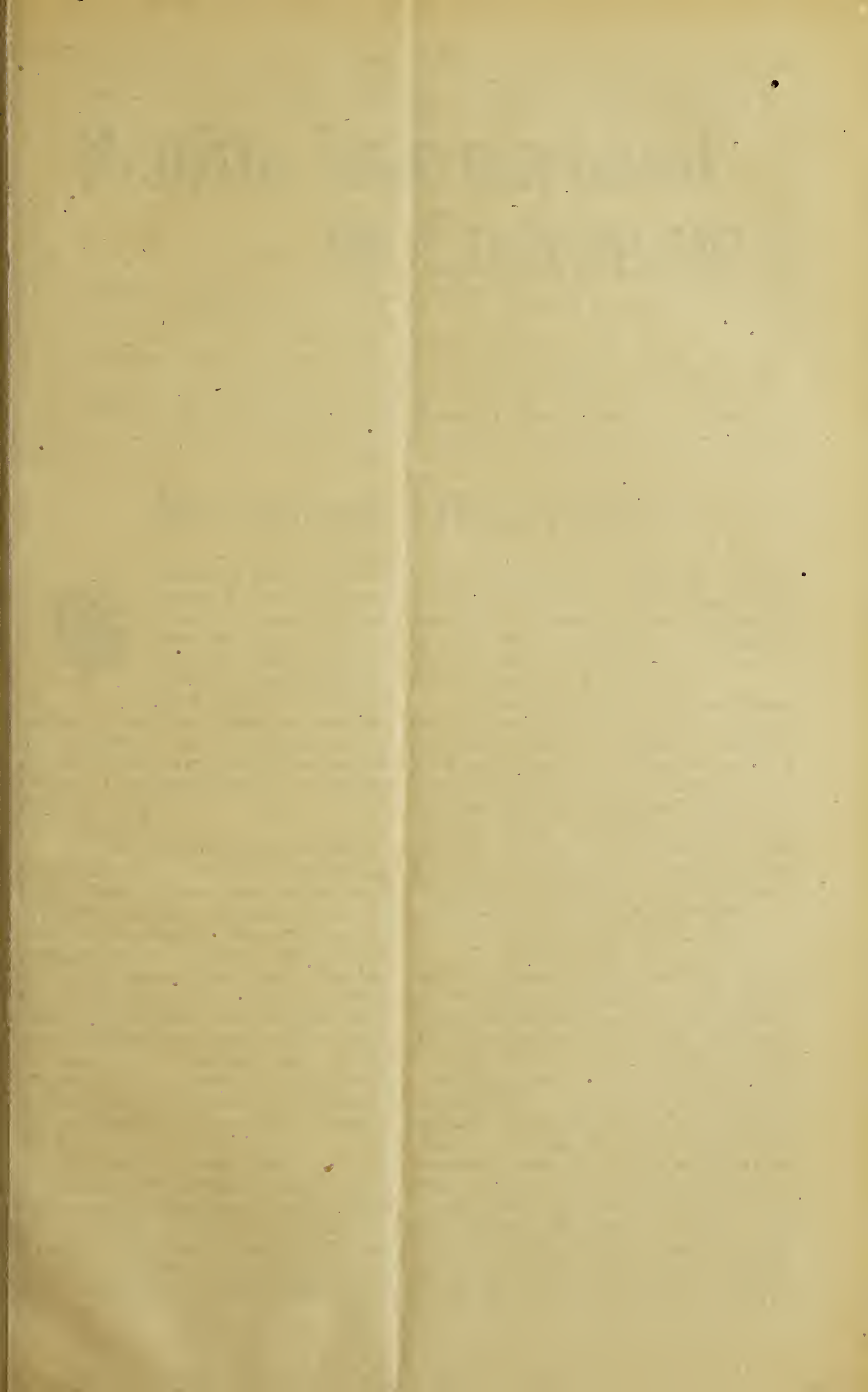
FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

## SUMÁRIO

Movimento Renovador . . . . .	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst . . . . .	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Cruzada do Espiritismo de Vivos . . . . .	<i>Leopoldo Machado</i>
Em Câmara lenta . . . . .	<i>Carlos Imbassahy</i>
Sugestão e Atitude Mental . . . . .	<i>Adauto de Oliveira Serra</i>
Fenômenos de Materialização . . . . .	<i>Amadeu Santos</i>
Confederação Espírita Pan Americana . . . . .	<i>C. E. P. A.</i>
Estudos Evangélicos . . . . .	<i>Ricardo Machado</i>
Obreiros da Vinha do Senhor . . . . .	<i>J. B. Chagas</i>
Uma Carta . . . . .	<i>A. Oliveira Lima</i>
Crônica Estrangeira . . . . .	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil . . . . .	<i>Redação</i>









# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✂ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

## Movimento Renovador



grandioso movimento de renovação moral e espiritual da humanidade, iniciado há quasi dois mil anos pelo Meigo Rabí da Galiléia, e agora notavelmente ampliado pelo Espiritismo, está se constituindo assunto de vanguarda, que, a par dos últimos acontecimentos verificados no cenário terreno, vem despertando a atenção de todos: de sábios e ignaros, de ricos e pobres.

E' tão vasto êsse movimento que pensamos não errar se dissermos que o fim dos tempos está muito mais próximo do que calculamos, o que confirmaria plenamente a predição de Jesus, segundo a qual os tempos seriam abreviados por causa dos justos. Estamos participando ativamente dêsse movimento, que obriga até o mais indiferente a fazer qualquer coisa, como se estivesse num barco prestes a ir ao fundo e cujo perigo só poderia ser evitado com os esforços conjugados de todos os passageiros.

Enquanto de um lado se procura arregimentar os povos num movimento social baseado na justiça, num justo equilíbrio entre o capital e o trabalho, para que todos gozem dos mesmos direitos, de outro lado vemos o desmoronar das velhas e já

inúteis ideologias e religiões, que tiveram ou que ainda têm como sustentáculo regimens feudais, déspotas e mercenários, todos agora agonizando ao surto renovador de uma nova era: a espiritualista-cristã.

Entre esses dois acontecimentos notáveis — a ação social e a derrocada das arcáicas religiões e ideologias incompatíveis com o espírito do cristianismo, — surge a Doutrina Espírita como um facho de luz a iluminar todas as consciências. Não é uma doutrina ou uma seita criada em conciliábulos humanos: é a revivificação do véro Cristianismo em espírito e verdade, com farta documentação a favor da sobrevivência individual.

Os tempos já vão para o seu fim, e a humanidade, por fôrça da lei da evolução, vai-se renovando moral e espiritualmente, para se libertar definitivamente das injunções inferiores do materialismo, em demanda das esferas superiores. O advento do Espiritismo foi o sinal mais convincente de que a humanidade estava mais ou menos em condições de receber novos conhecimentos, novas dádivas dos céus, o que vem confirmar de maneira categórica o que Jesus disse: «Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquêle Espírito da Verdade, êle vos guiará a toda a



verdade». (S. João, cap. 16 vrs. 12 e 13).

Efetivamente, o Espírito da Verdade está entre nós com o nome de Espiritismo, e a sua ação está se fazendo sentir não só por intermédio dos espíritos, que reproduzem os mais variados fenômenos demonstrativos da imortalidade da alma, o que vem causando uma verdadeira revolução na ciência, na filosofia e na religião, como pelas mensagens espirituais cheias de ensinamentos da mais elevada moral, que tanto conforto e esperança proporcionam às almas que palmilham o escaldante deserto da vida terrena, erguendo os abatidos pelos sofrimentos e esclarecendo os descrentes e materialistas.

Ao escrever estas poucas linhas, queremos prestar, num preito de gratidão, as nossas sinceras homenagens a êsse vulto do Espiritismo, o continuador da obra iniciada por Jesus, Allan Kardec, um dos factores dêsse movimento renovador a que nos referimos, e que no dia 31 dêste mês

vê, lá de cima, transcorrer o 78.º aniversário do seu desincarne.

Allan Kardec, que é um dos componentes da falange Espírito da Verdade, está tomando ainda parte ativa nêsse movimento que cada vez mais cresce em todas as direções. O seu nome acha-se gravado já em milhões de corações que dêle receberam, através de suas obras, luz, esperança, fé, conforto e estímulo e podemos estar certos de que num futuro não muito distante, a humanidade inteira, livre de toda a espécie de preconceitos, há de lhe render calorosas homenagens pelo muito que recebeu dêsse iluminado Apóstolo do Espiritismo ou do Cristianismo.

Allan Kardec: recebe, pois, mais uma vez, a nossa pálida mas sincera homenagem, num culto de amor e de reconhecimento e continua, com os demais da Falange, a orientar o movimento de espiritualização da humanidade.

## A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

### CAPÍTULO II

Recolhida ao seio da vida interior

Nos confins do Württemberg e do ducado de Baden, encontra-se uma pequena localidade chamada Kumbach que depende dêsses dois Estados. Numa planície baixa e pouco aclarada, cercada de montanhas em todas as partes, ela representa, no ponto de vista atmosférico e geológico, exatamente o contrário de Prevorst e Oberstenfeld.

Acontece, muitas vezes, que pessoas sensíveis às influências elétricas são curadas de suas enfermidades, com uma mudança de residência. Outras ao contrário, no mesmo caso e submetidas à ação das mesmas influências, caem num estado de debilidade cuja origem os médicos não podem atinar. Papponi, de que fala Amoretti, era extremamente sensível às influên-

cias elétricas e caía em convulsões e ficou curado apenas com uma mudança de residência. Pannet, que se achava no mesmo caso, não pôde encontrar a calma, numa localidade da Calábria, senão envolvendo-se, todo inteiro, numa roupa de oleado.

Poder-se-á facilmente capacitar-se da influência nefasta exercida sobre o seu ser, tão suscetível, pela mudança para uma localidade absolutamente diferente da em que nascera, porque, depois do seu casamento, ela viveu em Kumbach, porém mais tarde observou-se, constantemente, que tanto mais baixo era o lugar em que morava, mais espasmos sofria ela. Nas montanhas, ao contrário, seu poder magnético aumentava.

É possível, todavia, que, nessa época, os agentes físicos tivessem sobre ela uma influência perniciosa.



Embora tivesse deixado de existir para o mundo exterior, os seus deveres de mulher casada, devotada aos afazeres domésticos, a reconduziam, continuamente, a êste mundo e se dispunham em contradição com a sua vida interior, seu asilo, que ela via assim obrigada a ocultar, porém essa dissimulação lhe tornava cada dia mais difícil.

E' certo que depois do dia em que ela foi ao túmulo do seu velho amigo, tornou-se cada vez mais absorvida em sua vida interior e mergulhou-se ainda mais nêsse estado ao qual vamos chegar, quando, tendo franqueado o limiar da morte, o mundo exterior desaparece para nós e no qual toda dissimulação torna-se, então, impossível.

Durante sete mêses, no entanto, a sra. Hauffe continuou a conformar-se aos usos e costumes da existência ordinária, mas, mesmo então, cada vez que as circunstâncias o permitiam, ela buscava a solidão para encerrar-se dentro de si mesma.

Ela não se sentiu capaz de ocultar, além desta medida, a sua vida interior e de substituir as aparências da vida exterior que, realmente, já não existiam mais para ela. Seu corpo sucumbiu sob o constrangimento e seu espírito escapou-se para a esfera da vida interior.

### CAPÍTULO III

#### Consequências do seu estado magnético —

##### Início de um novo período de sofrimentos

A 15 de Fevereiro de 1822, estando já em sua casa, teve a Sra. Hauffe um sonho extraordinário. Sonhara que, prestes a deitar-se, vira o corpo dêsse amigo que lhe fora tão caro e cujo túmulo havia sido testemunha de sua entrada na vida interior. Estava o corpo envolto num sudário e deitado em seu leito. Além disto, ouvira ela, em outro quarto, no qual não tinha entrado, a voz de seu pai e de dois médicos dos quais um, desconhecido a ela, dava uma receita para grave enfermidade de que padecia. Ela exclamara: «Deixem-me sózinha perto dêsse morto, pois só êle pôde curar-me. Nada podem os médicos fazer em meu caso». Parecera-lhe, então, que pensavam eles em afastá-la do corpo do defunto, mas que o frio do cadáver parecia fazer-lhe bem e que

só por meio dêle é que experimentava alívio.

Gritára alto em seu sonho: «Como me sinto bem perto dêste corpo! Eis-me inteiramente curada!» Nessa ocasião, todavia, não estava enfêrma. Seu marido, ouvindo-a falar durante o sonho, a despertou. Pela manhã, começou a ter uma febre que durou catorze dias, com a maior violência, e que, sete anos, foi substituída por um estado magnético que não parava senão durante breves intervalos.

Como só fui chamado para observá-la durante os dois últimos anos de tal período; só posso dar, sôbre os precedentes, descrições superficiais, tais como as recebi da bôca da própria Sra. Hauffe, de seu marido e mais parentes.

Depois dessa febre, foi atacada, a uma hora do dia 27 de Fevereiro, de espasmos no peito. Fizeram-lhe fricções nas costas até que ficaram elas em sangue e, como tivesse perdido os sentidos, resolveram os cirurgiões da localidade praticar uma sangria. Os espasmos, porém, continuaram durante três dias e a sangria foi repetida.

No segundo dia, chegou da aldeia, sem ser chamada, a mulher de um camponês que, sentando-se perto dela, disse: «Ela não tem necessidade de médicos; nada podem fazer por ela». Depois colocou a mão sôbre a fronte da Sra. Hauffe, sendo ela logo tomada de violentos espasmos e ficando fria como um cadáver.

Durante toda a noite, esteve presa de delírio, gritando que essa mulher exercera sôbre ela uma influência diabólica e, cada vez que tal mulher voltava, reapareciam os espasmos.

No terceiro dia, chamou-se um médico de Bretten e, como estivesse ela em estado sonambulico, falou de sua entrada na casa, embora nunca o tivesse visto antes, e disse assim: «Se sois médico, deveis aliviar-me!» Êste, tendo logo reconhecido a enfermidade, colocou as mãos sôbre a cabeça da doente e observou-se que, enquanto permanecia no quarto, não via ou ouvia ela senão a êle, ficando insensível à presença de todas as outras pessoas. Desde que applicou as mãos sôbre ela, tornou-se calma e dormiu algumas horas. Prescreveu-lhe banhos e alguns remédios internos, mas os espasmos voltaram na noite seguinte e, durante dezoito semanas, se reproduziram de dois a cinco ou seis vezes por dia.



Quando ainda padecia dos espasmos, sua avó, que morava em Loewenstein, lhe apareceu certa noite, permanecendo perto de seu leito e olhando-a em silêncio. Três dias depois soube-se da morte de tal pessoa, que morrerá naquela mesma noite. Depois dêsse dia, assinalava, frequentemente, durante o sono, a presença de sua avó e passou então a considerá-la co-

mo seu espírito protetor. Foi também naquela época que descreveu, com todos os detalhes, a construção de um aparelho que devia ser o instrumento de sua cura. Ela fez o seu desenho sôbre uma folha de papel, mas ninguém ligou à sua indicação.

(Continua).

## ⊙ Cruzada do Espiritismo de Vivos ⊙

### ⊙ Programas Experimentáveis ⊙

Leopoldo Machado

(Continuação)

b) Uma peça teatral, substanciosa e espiritual-doutrinária.

c) Um ato variado, constante de números de música, canto, declamação, bailados, monólogos, alegorias, tudo, porém, elevado e nobre.

A INTEGRAÇÃO DO NOVO ELEMENTO só se processa quando o neófito revele interêsse e serviços prestados à instituição ou à Doutrina.

Seu recebimento no corpo da Instituição será festivo.

Um paraninfo lhe faz uma saudação doutrinária e lhe entrega, em nome da Instituição, um Evangelho com dedicatória, agradecendo a recepção o integrado.

Ao correr do programa podem ser sorteados objetos por meio de tómbolas, e distribuídos flores, balas, refrescos, com o objetivo de conquistar meios para as despesas do programa.

#### Outras Disposições :

O moço espírita, antes de sua integração, passa por uma fase de adaptação. E' o neófito.

O neófito será integrado, depois que tenha revelado :

- a) Interêsse indiscutível pela Doutrina
- b) Constância ás reuniões
- c) Amor à *Juventude Espírita*, revelado por atos, realizações, exemplos.

Em cada sessão, serão escalados :

- a) O jovem para a aula de moral às crianças

b) As turmas para o estudo nas sessões ordinárias

c) Os incumbidos da página espírita e das respostas aos *tests*.

Entre as obrigações do moço espírita, deve destacar-se a de dar, ou auxiliar, as aulas às crianças da aula de moral cristã.

O moço, por sua posição entre o velho e o menino, ministrando ensinamentos morais, que procurará exemplificar na prática, implicará um argumento de substância e força a pról da Causa.

Um diretor do Centro Espírita, em que funcione a Juventude Espírita, deve representar a Diretoria no meio e ser, se necessário, o mentor do movimento.

#### Atuação da Mulher

A mulher é, muito mais do que o homem—repitamos—beneficiada pelo Espiritismo.

O sexo masculino é que vai, entretanto, se esforçando mais pelo desenvolvimento da Doutrina, a despeito dos centros serem mais frequentados, não raro, pelo elemento feminino.

Enquanto a mulher não quiser tomar a direção do movimento, que fique ao menos, na direção de um departamento : a *Assistência aos Necessitados*.

A *Assistência aos Necessitados* nas mãos de mulheres dirigentes e entusiasmadas, parece-nos colimar resultados mais eficientes.

Os serviços de assistência aos necessitados devem começar beneficiando os pri-



meiros necessitados a eles presentes: seus próprios dirigentes.

Tais serviços para atender, somente, a necessidades de ordem material são muito pouco.

O auxílio espiritual, em quaisquer circunstância, deve preceder o auxílio material.

O primeiro auxílio deve começar por transmitir consciência doutrinária aos componentes da AN.

Uns *tests*, em conversa amistosa, serão, evidentemente, de real proveito.

Uns *tests* assim:

I) Se minha irmã tivesse, agora, de casar-se (ou se fôr casar, se solteira), casar-se-ia na Igreja?

II) Que diz da maternidade? Tem filhos? E quantos gostaria de ter?

III) Depois que é espírita, já batiu filhos seus ou dos outros? E porque os batizou, ou porque deixou de batizá-los?

IV) Se seu esposo, ou noivo, não aceita o Espiritismo, como procederá com ele?

V) Ofendida por sua maior amizade, como procederia, agora, que é espírita?

VI) Submete todos os seus interesses á vontade ou intervenção dos Espíritos, ou procura resolvê-los por si mesma?

VII) Num meio social em que somente minha irmã fosse espírita, e se atacasse o Espiritismo, que atitude tomaria?

VIII) Como procuraria conciliar as exigências do esposo ou do noivo com os imperativos, em contrário, da Doutrina?

IX) A que aspecto da Doutrina se entrega com mais satisfação, e porque?

X) Que aprendeu, de mais relevante, com a Doutrina?

Simple, na aparência, este processo de transmitir consciência espiritual-doutrinária, é, contudo, de apreciáveis resultados, como se poderá ver, pondo-o em prática.

### Confraternização de Centros Espíritas

Frisemos mais uma vez: serve mal à Doutrina o que procura servi-la dentro da exclusividade de um centro, por julgá-lo o *nec-plus-ultra* entre os demais.

Donde, a necessidade de muitos cen-

tros se agruparem dentro de um programa confraternativo.

Centros da mesma cidade, do mesmo bairro ou da mesma zona.

Donde, as confraternizações de centros afins.

Animamos, vai para cinco anos, uma confraternização de centros espíritas que tem colimado, a-pesar de tudo, seu objetivo.

Pusemos aquí, muito, de propósito, este *a pesar de tudo*.

E' que nem todos os diretores de centros espíritas, têm os mesmos esclarecimentos e a mesma compreensão, levando tais incompreensões e obscurantismos à existência de casos dentro dos próprios centros e para com o movimento em geral, difíceis de solução.

Deve-se, em casos difíceis tais, preferir a qualidade à quantidade.

Cinco centros espíritas harmônicos e fraternos produzem mais do que 50 centros inativos, desharmônicos, águamorna...

Para a bôa marcha de uma confraternização, duas espécies de reuniões mensais são indispensáveis: uma, administrativa, dos diretores e representantes dos centros confraternizados, e outra, fraterna, para toda gente.

A primeira, para a harmonização de interesses da Confraternização em geral e da Doutrina em particular.

Nessas reuniões, além dos interesses sociais que aí se ajustem e reajustem, devem ser discutidos, para esclarecimentos, muitos pontos de Doutrina duvidosos e desharmônicos, afim de que não se pregue, nos centros da Confraternização, coisas diferentes. Deve-se, numa palavra, firmar-se o programa das pregações coletivas ao público.

E reunião confraternativa conservará três aspectos: o doutrinário, o pedagógico, o artístico-literário.

O aspecto doutrinário constará:

Presidência do Presidente do Centro em que se realiza a sessão.

Palavras e Prece inicial dentro de 5 minutos.

Leitura da ata da sessão anterior.

Explanação de um ponto evangélico, 15 minutos.

Crônica Espírita, 5 minutos.

Resenha do movimento espírita geral, 10 minutos.



Factos e Comentários, ou Fenômenos espíritas de relevo, 10 minutos.

O *aspecto pedagógico* implicará:

Doutrina espírita às crianças (Aula de moral) 10 minutos.

A Página da Criança (por uma criança) 5 minutos.

A Página do Jovem espírita, 5 minutos.

O conto para a criança, 5 a 10 minutos.

O *aspecto artístico-literário* será composto de números de declamação, canto, música e teatro ligeiro, tudo de fundo espiritual, durante 30 minutos.

Seguir-se-á o *Caso Doloroso*: um confrade pede a palavra para o relato de um caso qualquer de miséria, de seu conhecimento, para o qual se fará, então, um rateio. A importância apurada será levada ao infeliz em nome do Espiritismo e do movimento que, na sua alegria e vibração, se lembrou dos mais infelizes.

O *Jornal Falado*, sobre as atividades do movimento em geral e, em particular, sobre a atividade de cada centro confraternizado, completará esta parte.

Nova Programação para a reunião próxima.

Prece final e encerramento.

## Confraternização de Cidades

Da Confraternização de Centros pôde-se chegar a confraternização de Cidades, ajustada a programa adrede estudado e combinado.

Nêste momento, já se pôde registrar um movimento de cidades com núcleos espíriticos afins; que se visitam uma vez por ano, procurando viver dias admiráveis de vibração doutrinária.

Macaé e Nova-Iguassú, Juiz de Fora e Cruzeiro, Três-Rios e Campos, estão exemplificando, admiravelmente, o que aquí afirmamos.

Uma vez por ano, uma *Semana Espírita* atrae para uma destas cidades, irmãos das outras que aí fraternizam durante dias que ficam, depois, inesquecíveis no coração e na mente de visitantes e de visitados.

Numa palavra:

Para aproximar, em nome do Cristo,  
Para experimentar nossas virtudes cristãs,

Para agir em nome da fraternidade cristã e na prática do bem, todos os processos são bons, todos os meios são santos, todos os recursos são belos.

# Em Câmara lenta

Carlos Imbassahy

Tive o prazer, como sempre acontece, de ler um artigo de Ismael Gomes Braga. Diz êle «que a doutrina é tôda de otimismo e esperança». Declara que pecados, crimes, êrros é tudo passageiro, regenerando-se vos grandes pecadores, os quais, angelificando-se, voltam à terra. Lamenta os pessemistas, sem fé, mal contra o qual nos devemos precaver.

Eu sempre admirei os que vêem tudo côr de rosa, porque devem ser criaturas felizes. O otimismo, trazendo-nos a esperança de melhores dias, faz-nos suportar as duras vicissitudes da vida.

Ismael deve estar certo nos seus princípios doutrinários. O Espiritismo é um farol tricolor, por cujas facetas brilham constantemente as tres gran-

des virtudes, da caridade, da esperança e da fé.

Entretanto, e é com grande má-gua que o confesso, as minhas lunctas, em matéria de otimismo, se acham um tanto embaçadas, talvez por causa do nome.

Há dias li o trabalho de um grande psicólogo, em que êle lamentava a decadência do espírito humano, e um amigo meu, de Lavras, o professor Roberto Coimbra, mandava-me um recorte, que infelizmente perdi, onde se tratava do mesmo assunto.

Já Richet dizia, há muitos anos, que a humanidade atual se distancia, em matéria de espírito, da dos séculos passados. Já não viamos os grandes artistas, os grandes pensa-



dores, os grandes vultos que iluminaram a Idade Antiga e a Moderna.

Nunca mais surgiu um Fídiás, um Praxiteles, um Rafael, um da Vinci, um Dante, um Petrarca, um Shakespeare, um Beethoven...

Aqui mesmo, entre nós, sem desfazer nos presentes, parece difícil encontrar outro Ruy Barbosa, outro Euclides da Cunha, outro Carneiro Ribeiro, outro Machado de Assis, outro Castro Alves, outro Gonçalves Dias...

Mesmo alguns que ainda restam, como José Oiticica, parece que vão saindo da circulação.

Dir-se-ia que o universo, ou pelo menos o nosso pequeno mundo, passa por uma crise de carácter e de valores.

Dos tempos antigos, o que conservamos e aperfeiçoamos, foi a tendência para o absolutismo, para o despotismo. E se nos velhos tempos havia a oposição, as conjurações, a revolta, hoje as massas estão diante dos tiranos em atitude apoteótica.

Em Política, passou-se da democracia para a autocracia. Estamos como que em frente de um desmoronamento geral, apesar do esmagamento do facismo. Os homens vão à massorra, aos campos de concentração, ao machado ou à força como carneiros, e os contemporâneos ficam abençoando a mão dos algozes. Parece que já ninguém quer ser livre. Aos direitos do homem vieram substituir os direitos do Estado. A liberdade, a vida humana já nada são, já nada valem. O homem é apenas desprezível mola na engrenagem estatal. E todos aceitam, e aplaudem, e aprovam.

Esta é mais ou menos a regra. Em Psicologia, o que arrebatou é a Psicoanálise, isto é, uma ciência de princípios inverificáveis. O próprio chefe da Escola, Sigmund Freud, percebendo o percalço, estabelece que há verdades que não se podem demonstrar. Isto é a mais completa negação da Ciência, a qual só admite o que está verificado e provado.

Nas suas conclusões há pilhérias que fariam rir se não fosse a gravidade dos que as expõem.

Lembro-me que, numa sessão espírita, manifestou-se um espírito que

se disse chamar Lopes. Lá estava um psicoanalista, nome muito conhecido e acatado, o qual, para logo, descobriu a origem e a razão do comunicado: é que havia na sessão uma professora; esta lidava com o lápis, daí o espírito Lopes.

Doutra feita apareceu um Canejo. Outro analista profundo achou que o subconsciente da médium queria aludir ao «caneco», de que os presentes usavam. Provou-se que os presentes não usavam caneco nenhum. Mas um psicoanalista não se aperta: — «teriam bebido em canecos, quando crianças... ou neles beberam os antepassados... ou, enfim, o caneco é utensílio que está sempre à vista...» Irretorquível.

O processo catártico, isto é, o de resolver, ao acaso, palavras proferidas pelo paciente, e daí descobrir o que vai pelos fundalhos da alma, pôde dar nas mais disparatadas e divergentes conclusões. É uma ciência subjetiva, dependente do arbitrio das interpretações e da fantasia dos interpretadores. Pois é o que está em voga, no que diz respeito ao psiquismo.

Em Arte parece que o mau gosto chegou ao apogeu. É verdade que, em matéria de gosto, não se discute. Conta Max Eastman que numa exposição de quadros de Whistler, em Londres, um crítico dissera que um quadro era mau, outro era bom; ao que Whistler observou: — Você não deve dizer assim, mas apenas, gostei disso, não gostei daquilo, e está no seu direito, mas evite os qualificativos.

Convém, pois, que evitemos os qualificativos. Mas quando se vê um quadro em que aparece uma cabeça de mulher chata como uma folha de papelão, um homem grosso com braços finos e vice-versa, um boi com 6 pernas, ou uma teta em que se diria haverem jogado ali vários pinces com tintas diversas, dando em resultado um monstruoso borrão, é pelo menos justo que confessemos não compreender a beleza daquilo.

A Arquitetura hodierna limitou-se ao caixão de batatas. Em Poesia desapareceu a métrica, a rima, a graça, a idéia. Por maneira que os versos diante dos quais alguns privile-



giados se assombram, não passam, para mim, da maior indignação espiritual, da mais flagrante prova da falência da inspiração. Entretanto, seguindo os conselhos de Whistler, vou dizendo de público, apenas, que não gosto.

Em Economia Política, ao que parece, desapareceram também os princípios clássicos, entre os quais o da oferta e da procura: ficou o cambio negro, a economia dirigida, a queima dos produtos.

Em Religião o que é verificável e demonstrável é que é o risível. E' preciso manter o dogma e o absur-

do, e ou se cai no místico, ou na mistificação.

Progrediu-se muito em Ciência, mas a cada passo que se tem dado em benefício do gênero humano, correspondem dez em seu malefício. É o que se dá com o indivíduo acontece com a nação. Cada um vê no próximo um inimigo.

Tal é o quadro da situação, que não nos permite ver os horizontes com o doirado rosicler que lhe nota o Ismael. Um progresso em câmara lenta, apenas.

Resta-me, porém, a esperança de que «o amai-vos uns aos outros» de Jesus, seja um dia uma realidade.

## Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— IX —

Disse Alexis Carrel que «as doenças, tais como as diarréias infantis, a tuberculose, a difteria, a febre tifoide, etc., são eliminadas e diminuídas as mortalidades, mas o número de doenças mentais aumenta». E continuando, o autor de «O Homem êsse Desconhecido», chama a atenção para a educação, dizendo: «A educação dada nas escolas e nas universidades, que consiste sobretudo na cultura da memória, dos músculos e de certos hábitos mundanos, será na verdade desejável para os homens modernos, que necessitam, acima de tudo, de solidez mental, de equilíbrio nervoso, de capacidade judicativa, de coragem moral e de resistência a fadiga? Porque se comportam os higienistas como se o homem fosse um ser exposto apenas às doenças infecciosas, quando está tão perigosamente ameaçado pelas doenças nervosas e mentais e pela debilidade de espírito?»

O que falta, pois, ao povo é essa educação mental afim de que possa melhor se defender contra êsse inimigo invisível que traiçoeiramente o póde atacar: a debilidade mental.

Os produtos farmacêuticos de que já falamos de início, «inúteis, e por vezes nocivos» contribuem em grande parte para a educação viciosa do povo.

Veja-se, por exemplo, o caso das vitaminas: Desde que apareceu êsse no-

me nos arraiais da ciência, todos os preparados o estampam com virtudes miraculosas.

Entretanto, dá-se o nome de vitamina à uma substância que é encontrada em todos os alimentos: leite, frutas, carnes, ovos, etc., cuja carência no organismo produz desarranjos funcionais.

Vejam alguma coisa sobre as VITAMINAS: Ainda no tempo em que os navios eram impulsionados à vela, o capitão de um deles notou que os seus marinheiros, após algumas semanas de viagem, sentiam-se enfraquecidos e seus males agravavam-se: mau hálito, olhos fundos, dores musculares, fadiga física e mental, hemorragias nasais, gengivais e oculares e por fim a morte. Mas dando-se caldo de limão a esses doentes, eles não só saravam como voltavam à antiga vitalidade.

Essa doença que os atacava era o escorbuto. Sua causa a ausência de ácido ascórbico na alimentação. Ao ácido ascórbico encontrado no limão, deu-se o nome de vitamina C, que é encontrada também em todas as frutas cítricas e vegetais frescos.

Posteriormente verificou-se que os marinheiros japonezes também adoeciam com sintomas iniciais idênticos aos do escorbuto, e que iam-se agravando com paralizias, torpor, irregularidades respirató-



rias até o desfecho fatal. Como os marinheiros se alimentavam só de arroz brunido, pensou-se também no regime alimentar.

A essa enfermidade deram o nome de beribéri. A causa era a carência de outra vitamina encontrada entre a casca e a semente do arroz, da cevada, etc., e que foi denominada vitamina B.

O arroz muito polido (brunido) não contém essa vitamina necessária ao nosso organismo, transformando êsse útil alimento em simples enchimento de estômago. Porisso, Monteiro Lobato já afirmou que o brasileiro sabe plantar arroz mas não sabe comê-lo...

Assim a palavra vitamina poderia ser traduzida ou interpretada por manancial de vida. Senão, vejamos: A carência da vitamina A no organismo, determina atraso de crescimento e um enfraquecimento geral. Ela é encontrada no fígado dos peixes, mamíferos e aves, nas cenouras, espinafres e em menor quantidade no leite e seus derivados, nas gêmas de ovo, etc. Quanto ao fígado de peixe, diga-se a bem da verdade, não é privilégio do bacalhau, constatando-se que o nosso cação o possui para a extração da vitamina A em maior e melhor quantidade e qualidade que o longínquo «*potyichthys porosisimus*» norueguês.

A vitamina D é importante para a constituição dos ossos, dentes e na defesa orgânica contra infecções. É encontrada em óleos de fígado de peixes, nos óleos de caroço de algodão exposto ao sol e também pôde-se recebê-lo natural e diretamente através dos raios ultra-violetas do sol: Na nossa pele existe uma substância chamada ergosteról que sob a ação dos raios solares se converte em vitamina D, sendo então absorvida pelo organismo. A carência dessa vitamina no organismo, determina o raquitismo.

A vitamina B<sub>2</sub> ou G, cuja carência produz dificuldades no crescimento e abrevia a vida, dando origem à Pelagra, que é uma doença caracterizada por aspereza e escamosidade da pele, afetando o crescimento e produzindo até a alienação mental. Para demonstrar que é deficiência da alimentação e não um germen que produz a pelagra, o dr. Goldberger, corajosamente, injetou em seu próprio sangue a descarga intestinal de um doente, provando assim que não era nenhuma bactéria a responsável pelo mal, uma vez que

êle nada contraía e sim a carência da vitamina B<sub>2</sub> ou G. Ovos, verduras, leite e carnes magras são alimentos ricos em vitamina B<sub>2</sub>, principalmente os fermentos.

A vitamina E encontra-se no trigo, alface e outras hortaliças, e inflúe na atividade reprodutora, porisso que a chamam de vitamina anti-estéril.

Temos assim seis vitaminas conhecidas: A—B—B<sub>2</sub> ou G—C—D—E, todas elas necessárias á vida. Note-se que é o próprio organismo que, através de seu maravilhoso laboratório, se encarrega de as extrair dos alimentos, afim de estabelecer o equilibrio vital, pois a carencia de vitamina é tão prejudicial quanto o seu excesso. Daí o perigo de se tomar vitaminas sem orientação clínica, quer sejam injeções, gôtas, comprimidos ou em forma concentrada.

O melhor meio de dar ao corpo as vitaminas de que precisa, é dar a êle alimentos que as contenham. «Quasi todas as matérias da alimentação contém doses variáveis de calcio, magnésio, sódio, potássio, clóro, fósforo, enxofre, iodo, ferro, còbre e outros minerais de que o organismo precisa para a sua nutrição. Assim, um regime alimentar racional que contenha uma dose apropriada das vitaminas é quasi certo possuir ao mesmo tempo todos os outros cinco elementos nutritivos do organismo humano».

As proteínas encontradas na clara do ovo, carne, peixe, caças, ervilhas e feijões, são necessárias para a renovação dos tecidos. Os carboidratos ou amidos (hidrocarburetos) encontrados no açúcar, leite, pão, frutas e nos vegetais, são os abastecedores de combustível á máquina humana. Os alimentos gordurosos da manteiga, carne, creme e nòses, servem tanto para o combustível como para reparar as células do organismo. A água é encontrada em todos os alimentos. A deficiência alimentar é uma porta aberta ás molestias, porque um corpo fraco não oferece proteção a si próprio e muito menos reação adequada contra as infecções.

«O melhor conselho a êsse respeito é o de Mc Collum: «Coma o que quiser, depois de ter comido o que se deve».

Resumindo: Fontes de vitamina A: fígado de peixe, animais e de aves, manteiga, queijo, cenoura, tomate, banana, milho, etc. Da vitamina B: arroz não polido, trigo, espinafre, cenoura, laranja, etc. Da vitamina C: frutas cítricas como a la-



ranja, limão, etc., e tomate. Da vitamina D: óleos de fígado de peixe, gêmas de ovo e a natural recebida através da pele pelos raios solares. De vitamina G ou B2: As verduras em geral (nabos, cenouras) e na principal fonte que é a levedura. Por todos esses motivos dizemos às mães que vivem se preocupando com drogas e pre-

parados, consultando almanaques, vizinhas mal informadas e comadres conselheiras, para verem seus filhos robustos e fortes: Depois do trivial, dêem às crianças caldos de frutas, (laranjadas e limonadas), e suco de tomate maduro. Para fortifica-las dêem às elas uma bóla de futiból, o que quer dizer: vida ao ar livre e exercícios.

## ☉ Fenômenos de Materialização ☉

### III

Nova reunião de efeitos físicos com surpreendentes fenômenos de materialização, teve lugar na sede provisória do Grupo «André Luiz», nesta Capital, cujos trabalhos se iniciaram às vinte e meia e se encerraram às 23 horas, com a presença além de mim, mais das seguintes pessoas: Snrs. Dr. Levindo Melo, médico, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, comerciante, Vicente Viola, guarda-livros, Inácio Domingos da Silva, funcionário público, Francisco Peixoto Lins, sargento do exército e Vitorino Eloi dos Santos, ferroviário; Snras. Alcina Teixeira Dias, doméstica, Emilia Póvoa Santos, doméstica, Risoleta Vilar Viola, doméstica, Maria Madalena de Oliveira, doméstica, Marieta Correia de Melo, doméstica, e das senhorinhas Dulce de Fátima Oliveira, Lenice Teixeira Dias e Lais Teixeira Dias, estudantes, sob a minha presidência. A mesa dos trabalhos sentaram-se os médiuns Peixoto, Emilia e Lais. Com uma sentida prece, dei por aberta a sessão, evocando a assistência espiritual das entidades superiores do Espaço. Procedo, em seguida, à leitura do capítulo do «Nosso Lar» que tem por título «O trabalho enfim». Terminada a leitura e depois de saudar o velho pregador do Espiritismo, «Vovô Vitorino», que nos visitava, opino que, para não delongar os trabalhos, deixaria o cuidado da interpretação e comentário da lição para a segunda parte da sessão, incumbindo a irmã Lenice de proferir a prece com que prepararíamos o ambiente propício à manifestação espontânea, por incorporação, de um dos nossos amigos e mentores do Espaço. Logo o médium P. cai em transe e o querido espírito de Araci nos dá brilhante comunicação sonambúlica, cheia de transcenden-

tes ensinamentos, bondosos conselhos e salutareis advertências, preparando os nossos espíritos para a apreciação de importantes fenômenos de efeitos físicos que se iriam dar durante a sessão de tratamento astral, em benefício de vários irmãos doentes. A pedido meu, o espírito comunicante opina sobre o tratamento médico de duas pessoas enfêrmas, afirmando que estavam sendo bem medicadas. E, como lhe perguntasse se tais e tais pessoas poderiam tomar parte das nossas reuniões, deu-nos o seu parecer cauteloso, sintético e incisivo, de molde a que também nós, fizéssemos uso do nosso entendimento, aplicando o critério adotado segundo nos indicam e aconselham os princípios gerais da Doutrina e as próprias recomendações dos nossos amigos do Além. Estando presente à nossa reunião, pela primeira vez, o conhecido espiritista de Nova Iguassú, Vitorino Eloi dos Santos, e, não querendo fugir à praxe de consultar o Alto sobre se poderia permanecer na reunião esse nosso amigo, Araci nos responde que ele, que já fôra contemplado no Grupo Esp. «Pedro», em Macaé, no Estado do Rio, com a materialização do espírito de sua filha Ilka, então recentemente desincarnada, estava bastante capacitado para tanto, porém que lamentava não ter ainda abandonado o uso do cigarro...

E depois de externar os seus melhores votos de progresso espiritual aos presentes, o espírito amigo despede-se momentaneamente de nós, aconselhando a que o médium P. se recolhesse à cabine e se entregasse ao repouso, prometendo dar-nos com o auxílio de Scheila, um hino por meio de escrita direta. A disposição das cadeiras se modificou para que todos pudessem apreciar os fenômenos.



Os trabalhos teem o seu curso normal e costumeiro, em sintonia com os do Grupo Esp. «Pedro», ás mesmas horas levadas a efeito em Macaé, em benefício dos sofredores. As irmãs Emilia, Risoleta e Lais, sentaram-se junto à cabine, de vez que fôra anunciado que seriam beneficiadas nessa reunião. Destaquei o confrade Vitorino para fazer o comentário da lição lida. Muito bem inspirado, o nosso irmão tirou um «substratum» valioso da lição, num estudo profundo e penetrante.

Acrescentei alguns comentários para ilustração da tése, notando-se que o ambiente ensejava imensas e significativas ilações aos nossos espíritos, os quais experimentavam, já, indefinidas sensações de bem-estar. Ouvem-se rumores na cabine e logo se nos dirige, em voz diréta, o espírito amigo de José, no seu linguajar característico. Diz que nota o contentamento natural nas pessoas presentes e, em tom suave, demonstrando desalento, pergunta pela viola ou pelo «fole». Respondemos-lhe que o Inocêncio não havia voltado de Campos e que quando voltasse, cumpriria com o prometido. Avisa-me de que David, meu pai, estava presente e que, como tivesse sido músico em vida, nos deliciaria com a execução de algumas melodias se alí dispusessemos de algum instrumento de fole ou corda. Anunciou-nos que êle se materializaria nesta reunião e recomenda que apagássemos a lâmpada. Ficámos, pois, em agradável expectativa. O José ainda nos informa que os bondosos espíritos de Scheila e Araci, estavam preparando letra e música de um hino que nos seria ofertado por escrita diréta. Colocamos para tanto, alguns papéis em branco, examinados por várias pessoas presentes, sem caracteres nem pauta, deixando-os dispostos sôbre um fardo, junto à cabine. Foi cantado mimoso hino pelos presentes. O querido espírito de meu pai surge do lado esquerdo da cabine, completamente materializado, ultrapassando a passagem e vindo à assistência, tocando as nossas irmãs Emilia e Lais. Regressando à cabine volta a aparecer do lado oposto, chegando à assistência e colocando a mão sôbre a cabeça do nosso irmão Inácio, deixando os seus cabelos cheios de parafina e tocando o nosso confrade Vitorino que então fazia fervorosa prece, com as lágrimas nos olhos, pela emoção de incontido júbilo pelas graças recebidas. São vistos, então, fôcos lumi-

nosos em várias direções e de diversas côres, notadamente vermelha, azul e amarela. Aparece a iluminação característica anunciadora da presença do elevado espírito de Abel Gomes. Batuira, o abenegoado pioneiro do Espiritismo em terras de Piratininga, produz várias explosões luminosas de grande efeito que a todos alegrou. Um fôco de luz côr de fogo se transforma em várias nuances delicadas. Novo fenômeno de voz diréta se observa: é Batuira que faz uma preleção doutrinária de alta transcendência científica e evangélica. Uma outra entidade aparece materializada, saindo da cabine, e vindo à assistência tocar a nossa irmã Lais: era o espírito do cientista brasileiro, desencarnado em Caxambú, Est. de Minas, Dr. João Passos. O José volta a nos falar em voz diréta. Confessava-se alegre por estarmos apreciando tão relevantes fenômenos, mas se dizia desconsolado por não dispormos de quantidade de parafina suficiente para êle modelar o seu rosto, que chamou de «*minha fuça*». Disse que Abel Gomes estava presente e, concomitantemente, aparece um bloco luminoso, quasi em formato de cruz. Adiantou ainda que meu pai tinha-nos deixado um presente, na modelação da mão e do braço esquerdo, trabalho que se achava dentro da vasilha da água fria. E diz-nos: «como não possa eu oferecer outra coisa, recebi isto». E atirou-nos várias pedras que caíram junto aos meus pés. Nós lhe agradecemos o carinho e o desvêlo com que nos distinguia e disse-nos que queria, ainda um dia, deixar-nos o formato da sua «*cara*» em parafina, mas que não nos espantássemos porque era muito feia. Respondemos-lhe que sabíamos que eram belas as suas intenções e isso nos deixava entrever a beleza da alma, que era o que tinha valor. E êle se confessou lisongeador. E, como na ocasião em que Batuira nos falava, o seu retrato colocado na parede, se apresentasse alterado com um círculo, quadrangular de luz, nós lhe perguntássemos qual fôra o espírito que produzira o fenômeno, êle respondeu: «foi o Julio!» Perguntou-me se sabia de quem se tratava e eu lhe respondi afirmativamente, adiantando que fôra um médico desencarnado, há tempos, na cidade de Macaé! Êle confirmou o que eu dissera, silenciando em seguida.

Uma rajada de luz policrômica se desprende da cabine tomando o recinto



por inteiro de uma iluminação feérica. O José disse-nos que foi Nina Arneira quem produziu esta luz, adiantando que o seu efeito seria mais atraente ainda, se o salão estivesse em trevas. A essa altura eu pedi à Lais que fizesse uma prece a Jesus como prova da nossa grande alegria, pois que ela tinha sido a mais contemplada com as graças do Alto, na presente sessão. Ela o faz com o coração nas mãos e com o sentimento d'alma nas palavras. A proporção que ora com crescente fervor, os seus olhos se humedecem de lágrimas de reconfortante agradecimento. O lúcido espírito de Nina aparece do lado direito da cabine e dirige-se àquela companheira afagando-a e deixando flocos miúdos de parafina por sobre a sua cabeça. A querida entidade ostenta um traje feminino, quasi totalmente tomado por uma espécie de túnica transparente, alvissima. Voltando à cabine, surge do lado esquerdo e dirige-se, oralmente à Lais, nêstes termos: «Lais, peço-te que cantes o hino «Pai do Céu», de que tanto gosto e que representa uma prece ao «Criador». Os assistentes que se achavam perto da entidade notaram que os seus lábios se movimentavam com facilidade ao falar. Sentiu-se um odor agradável e subtil a essa altura dos trabalhos. Regressando à cabine, novos focos de luz se apresentam inclusive a irradiação de uma luz vermelha, debaixo do leito do medium. Nina ainda nos fala de voz direta, dando-nos sublimes ensinamentos e pedindo para transmitirmos um abraço ao condrade de Campos, Prof. Clóvis Tavares, que tóra seu noivo em vida e é o atual presidente da Escola Espírita «Jesus Cristo», obra de assistência social inspirada pela bondosa entidade. Fiz então um ligeiro comentário do Evangelho lembrando a promessa do Cristo de que Ele partia mas não nos deixaria orfãos, pois mandaria, em época oportuna, para restabelecer a Verdade e colocar todas as coisas nos seus devidos lugares, o Paracléto, o Consolador ou Espírito de Verdade. E a prova inconcussa e o argumento plausível do advento dessa era estava-se presenciando, ali, com o constatarmos, enbevecidos, aquelas graças do Consolador prometido. O José reaparece-nos, solícito, a nos elucidar sobre tudo quanto ia ocorrendo, já que eu lhe fizera o apêlo de nos ir informando e esclarecendo a respeito, de vez que, mesmo sabendo que

os nossos trabalhos não têm o objetivo imediato da produção de fenômenos, pois que o seu fim primacial é aliviar o sofrimento físico dos enfermos, poderão eles, no mesmo passo e ao mesmo tempo, dar uma contribuição valiosa ao contingente científico da Doutrina, com a publicação do relato dos referidos fenômenos, aliás presenciados por pessoas idôneas moral e cientificamente. Versado em ciências jurídicas e sociais, tendo rudimentos de fisiologia e de anatomia, discípulo que foi do grande cientista patricio Prof. Nuno Lisboa, no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro, é claro que me havia de interessar pelo caráter científico da questão, estando animado de propósito, ao lado do trabalho de alcance social e moral que tiverem as nossas sessões, de que possa, com a ajuda dos meus amigos e confrades, de futuro, publicar, possivelmente, um trabalho que venha interessar aos doutos, aos cientistas, de que farão parte integrante as presentes crônicas. E o José compreendendo o meu pensamento, tem sido gentil em entrar em minudências, quer explicando os fenômenos, quer nos dando os nomes das entidades materializadas que por ventura não tenhamos identificado. E assim é que nos foi adiantando que o espírito de Scheila nos falaria, em voz direta, e se materializaria. Faz-se nova prece e aparece, ao fundo da cabine, um vulto luminoso, semi-materializado, movimentando-se no espaço com desembaraço. Os seus caracteres fisionômicos não se distinguem perfeitamente, todavia a sua figura, mais parecendo uma silhueta semi-transparente, se fazia notar, deixando-nos a convicção do contacto com um ser inteligente e normal. O vulto desaparece para nos falar, em seguida, em voz direta. Dizendo ser Scheila, e entretendo conosco uma animada e proveitosa palestra, o espírito manejava com dificuldade o vernáculo, arrastando suas palavras ao pêso do sotaque germânico, pois que se trata de um espírito que animara, ha poucos anos, um corpo de moça alemã. Disse que nos tinha deixado a letra de um hino, com a ajuda de Araci, que corrigissemos os possíveis erros e que desculpassemos por não nos ofertar coisa de maior valia. Nós lhe externamos o nosso agradecimento pela distinção com que a sua bondade nos obsequiava e ela se despede, por agora, com palavras de externecido carinho e com



referências elogiosas aos espíritos de Araci e Nina. Daí a poucos instantes o médium vidente avisa-nos: «Nina vai fazer uma oração por meio de voz diréta». É uma voz melodiosa, em tom feminino, se eleva ao Espaço, trazendo em suspenso os assistentes com a beleza dos seus conceitos e a significação moral da sua contextura. O José Grono fala-nos, ainda, afim de recomendar ao Inácio para, ao término dos trabalhos, entrar na cabine e aplicar passes magnéticos longitudinais no médium, despertando-o. A voz de Araci se faz ouvir para nos anunciar que deveríamos encerrar a sessão. Profiro então a prece de encerramento, agradecendo a Jesus, nosso Mestre e Senhor, a perfil benesse do seu amor com que nos distinguira nesta noite. Feita a luz artificial no ambiente fomos com avidez, à cata dos presentes. Encontramos, no chão, quatro pedras, sendo uma de ametista, uma de cristal de rocha e duas outras de um minério não identificado. A Lais, transbordando em júbilo, mostrava a relíquia que Nina lhe entregara em mão, constante de uma flôr de lírio, modelada em parafina. Na cabine, encontramos a luva de parafina que meu pai nos deixara. Sendo que desta vez aparecia o braço com a saliência das veias e do pulso, justamente como tivera em vida. Encontrámos também um botão de lírio feito de parafina. Lembra-nos, então, da promessa de Scheila e volvemos o nosso olhar para o fardo em que colocáramos o papel liso, em branco, sendo que duas tiras continham uma, os caracteres musicais de uma música e outra a letra desse hino, denominado «Obreiros de Jesus», mensagens essas que só podem ser lidas através de um espelho ou do lado inverso, através da luz. A mensagem musical tem o mesmo título dos versos e finaliza com a seguinte dedicatória: «Ofereço aos irmãos do Grupo «André Luiz», com o abraço de Araci». A mensagem escrita em português, é composta de quatro quadras de nove sílabas métricas e um «estribilho» constituindo numa quadra de sete sílabas (redondilhas), em versos perfeitamente metrificadas, à exceção de dois, que me parecem frouxos, porém aceitáveis, segundo as exigências da técnica. Preferimos não os alterar por se me afigurar dispensável fazê-lo, guardando, assim, o pensamento integral da entidade comunicante e como prova de sua incontestável autenticidade. Como poeta provinciano, confesso que os

versos de Scheila satisfazem e me apresso a adiantar que tenho visto por aí muita coisa publicada com o rótulo de poesia em jornais, revistas e livros, que se lhe não podem igualar! Quanto ao vernáculo, afigura-se-me bom, segundo as regras da concordância, embora se ressentindo da necessária pontuação. O estribilho, nesse terreno, não se me parece perfeito, pois que o verbo iluminar é transitivo, exigindo complemento ou objeto diréto devendo estar precedido, portanto, do pronome *a*. Mas, em poesia, se isso chega a ser, realmente, um êrro, o mesmo se tornou admissível. Embora o que possa estar em jôgo e mereça realmente a nossa atenção seja a autenticidade do fenômeno, apresso-me a dar esta explicação, afim de serenar o ânimo dos críticos espontâneos, que não faltam por aí afóra, pressurosos de pontificarem do alto da veicidade da sua sabsença, em assuntos relacionados com a filologia. Cumpre frisemos que nem lápis, nem caneta nenhuma havia junto ao papel e os caracteres apresentados neste formam alto relêvo no verso, aparendo o escrito em vários matizes, notadamente nas côres vermelha, azul e preta. Deve-se assinalar que todos êsses fenômenos se processaram vertiginosamente e alguns simultaneamente, sobre os quais nem a menor sombra de dúvida poderia pairar, estando, também, afastada, por completo, a mínima hipótese de fraude, não só porque nenhum dos assistentes poderia ter quaisquer interesses que êsse gesto pudesse justificar, como e principalmente porque os experimentadores são pessoas de reconhecida reputação ilibada e os trabalhos sofreram o necessário controle aconselhável. Os fenômenos de escrita diréta, especialmente, se deram à vista de todos, pois o local onde foi colocado o papel estava do lado de fóra da cabine, ao alcance da nossa vista.

O médium, que tivemos o cuidado de pesar antes da sessão, acusou, ao fim, uma perda de quatro e meio quilos. Antes, pesava 48 e depois 43 1/2. Eu e o Inácio, que pesávamos antes, noventa quilos, cada um, perdemos o pêso igual de 1,5 quilos, prova de que também emprestamos um pouco do nosso fluido animal (ectoplasma) para os espíritos se materializarem. Ao revés, verificou-se que a Lais, beneficiada na sessão, tinha o seu pêso aumentado de dois quilos.

. . . . .



Cópia da letra do hino «Obreiros de Jesus»,  
dado pelo espírito de Scheila, por escrita  
direta, no Grupo Espírita «André Luiz»

«OBREIROS DE JESUS»

Nestas noites de amor e de esperança  
Te imploramos, querido Jesus,  
Que possamos com fé e confiança  
Aceitar Teu Evangelho de Luz.

*Estrilho:*

Oh! Mestre Amado, ilumina  
Nós os escravos do êrro;  
Que tua santa Doutrina  
Conforte o nosso destêrro!

Que os nossos espíritos faltosos  
Aproveitem a oportunidade;  
Que venhamos a ser venturosos  
Na conquista de felicidade.

Que possamos curar os doentes  
Nos seus leitos de dôr e agonia;  
Levantarmos do lôdo os dementes  
Com amor, com carinho e alegria!

Seja, pois, nossa vida, na Terra,  
De trabalho e de iluminação,  
Em ativo preparo p'ra guerra  
Contra os vícios e a imperfeição.

*Scheila.*

✻ CONFEDERAÇÃO ESPIRÍTICA PAN AMERICANA ✻

(Continuação)



CEPA



ESTATUTOS

V — Conselho Federal

Art. 19.º — O Conselho Federal será formado por um Delegado representante de cada Organização ou Conselho de Relações filiados; sendo que nas votações se computarão dois votos à representação dos Organismos Centrais e um à dos Conselhos de Relações.

Art. 20.º — A renovação do mandato dos Delegados se fará à celebração de um novo Congresso Ordinário; todavia poderá ser renovada ou derogada em qualquer tempo pelas autoridades legais da Organização que representem. O prazo da renovação se fixa em sessenta dias, a partir da data do encerramento do Congresso.

Art. 21.º — O Conselho Federal se reunirá bi-mensalmente pelo menos e, extraordinariamente, quando o Conselho Executivo o necessite, ou quando o requerer pelo menos uma quarta parte dos Delegados que o integrem, mencionando o assunto ou assuntos que requeiram sua consideração. Nêste caso o Conselho Executivo não poderá julgar da procedência, oportunidade ou razão da solicitação, devendo efetuar a convocação dentro de trinta dias do recebimento do pedido; não o fazendo, os Delegados solicitantes

poderão convocá-lo sob sua responsabilidade.

Art. 22.º — O quórum é formado pela metade mais um dos Delegados integrantes do Conselho; decorrida, porém, uma hora da determinada na convocação; poderá deliberar com o número de Delegados presentes. Os Delegados que faltarem a três reuniões consecutivas sem causa justificada perderão automaticamente o mandato.

Art. 23.º — O Conselho Federal poderá tomar qualquer deliberação acôrde com os Estatutos, inclusive cancelar o mandato do Conselho Executivo, renovando total ou parcialmente seus integrantes, se o pronunciamento contar com o voto de três quartas partes dos Delegados integrantes do mesmo. Caso o total dos presentes não atinja ao mínimo requerido, poderá fazer-se nova reunião dentro de quinze dias, e as deliberações poderão ser tomadas, nesta circunstância, com três quartas partes dos Delegados presentes.

Art. 24.º — São atribuições do Conselho Federal:

- a) Assumir a representação da CEPA.
- b) Interpretar os Estatutos.
- c) Determinar regras gerais ou internas que julgue convenientes.
- d) Criar Organismos, anexos, inter-americanos, de carácter juvenil ou feminino, de defesa dos direitos da mãe e da



criança; dos velhos e desvalídos, ou de outro carácter, que julgue necessários.

e) Promover a formação de Institutos de experimentação científica e Escolas de divulgação do pensamento espirítico.

f) Levantar o nível moral dos trabalhadores até reivindicar totalmente a dignidade humana.

g) Participar de todo movimento pró-paz.

h) repudiar por todos seus meios a pena de morte.

i) Resolver qualquer questão não prevista nestes Estatutos.

## VI — Conselho Executivo

Art. 25.º — O Congresso designará uma Comissão de três membros, em forma de Secretariado, a qual convocará o Conselho Federal dentro de noventa dias após a celebração daquêle, mediante a prévia verificação de credenciais de representação que invista às Delegações, afim de designar os membros que hão de integrar o Conselho Executivo, com especificação de seus cargos, bem como adotar as medidas necessárias à instalação da Séde oficial e demais providências.

Art. 26.º — O Conselho Executivo será composto de onze membros que desempenharão os seguintes cargos: Presidente; 1.º e 2.º Vice-Presidentes; Secretário Geral; Secretário Administrativo; Secretário de Relações; Secretário de Imprensa e Propaganda; Tesoureiro; 2.º Tesoureiro; sendo Vogais os membros restantes.

Art. 27.º — O Conselho Executivo só poderá ser integrado por representantes de Organizações Centrais federativas, quaisquer que sejam as organizações reconhecidas como tais.

Art. 28.º — São atribuições do Conselho Executivo:

a) Manter a organização da CEPA;

b) Convocar o Congresso trienalmente e estabelecer os trabalhos a serem por êle considerados;

c) Cumprir e fazer cumprir as resoluções adotadas pelos diferentes órgãos;

d) Convocar o Conselho Federal pelo menos de dois em dois meses;

e) Assumir a representação da CEPA com a obrigação de dar conta ao Conselho Federal de todos os atos, seu pronunciamento em todos os casos especiais que se apresentem.

(Continua).

# Estudos Evangélicos

## Confirmação do Alto

Em o nosso anterior artigo epigrafado: — *Elt. Elt. lama sabachthani?*, cujo estudo temos muita satisfação de saber quanto agradou, até através de cartas de distintos confrades do Sul do nosso país; como houvessemos de passagem, feito referências ao *ad referendum* dos nossos inesquecíveis Guias — os vivos do Oriente — e dissessemos ser isso motivo para outro artigo, voltamos em desobriga d'essa promessa.

Ha uns 33 anos, reuniamos aos domingos, ao cair da tarde, em certa residência familiar de confrades. Os seus chefes eram dedicados à causa espírita, sendo a esposa valioso médium cujo espírito se transportava, deixando o corpo prostrado, a acudir

por afinidade um caso cujo perigo ela o sentia à distancia.

Sempre fomos estudiosos dos Evangelhos, interessando-nos mais e melhor a palavra do Cristo e dos que o acompanharam — o *Novo Testamento*, porém, com o concurso da mais elevada filosofia o Espiritismo, que conduz aos de bôa vontade a desprezarem a letra que mata, indo em busca do espírito que a vivifica. Numa d'essas memoráveis reuniões, tal a afinação e disciplina, reuniões sob nossa investigação por indicação do Alto, serviram da oportunidade que se oferecera e de ha muito esparada. Antes das reuniões as conversações versavam sôbre factos espíritos, o Evangelho, sofrimentos alheios, provações, etc., o que, seja dito de pas-



sagem, constitui a harmonia de pensamentos e perfeito encaminhamento à capacidade de atrair as melhores elucidações e conselhos dos Guias e Protetores.

Médiuns desenvolvidos e inconscientes, porém sem grandes conhecimentos, discutiam, entre outros confrades, as fraquezas humanas pela falta de Fé. Interviramos, ponderando que seriam felizes os que já possuíssem a Confiança, êsse caminho muito longo, para chegarmos a possuir êsse primeiro «grão de Mostarda» que nós faria dar ordens às montanhas, a pesar de lá chegarmos um dia através dos sofrimentos, expiações, etc., adquiridos nas muitas reencarnações. Não obstante, continuávamos, o Evangelho nos indica o Cristo, êsse modelo de perfeição em todos os sentidos, fraqueando no momento extremo, êle que sabia qual o final e finalidade de sua missão, ao dizer: — *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*», êle o maior de todos os profetas! Imagine-se a condição nossa, rastejando ao péso de muitas faltas do passado, algumas do presente com promessas de sermos melhores amanhã, promessas

que sómente podem ser cumpridas à luz única e esclarecedora do Espiritismo, para então acertarmos os primeiros passos no caminho da Fé!... De chôfre, foi apoderado um dos melhores médiuns do meio e inconsciente, e o Espírito em alto brado, como um veemente, significativo e esclarecedor protesto, conclama: — *«Jesus não disse fais palavras, nem é êsse o teu pensamento!»* E, também de chôfre deixou o médium. Silêncio. Não esperavam por aquilo. Menos nós que ansiávamos pela palavra de um dos guias espirituais e aproveitamos a oportunidade, sem d'antemão preparar o espírito dos companheiros que estimavam os nossos argumentos.

Reunidos à hora prefixada, o assunto foi abordado com admiráveis conclusões aos nossos despreziosos pontos de vista e louvada a atitude nossa a esclarecimentos que fais.

Aí está o *ad referendum*, o comprovante prometido, *ad perpetuan rei memoriam*...

Ricardo Machado.

Novembro de 1946.

## Obreiros da Vinha do Senhor

*A Seára verdadeiramente é grande, mas os obreiros são poucos. Rogai ao Pai que envie obreiros à sua Seára. — (Mal. IX-37/8).*

O intercâmbio entre vivos e mortos, não é um privilégio dos tempos atuais. Desde as épocas mais remotas, assinalam os livros sagrados provas exuberantes desse colóquio.

Hodiernamente, graças às luzes trazidas pelo Espiritismo, que veio provar a sobrevivência e a preexistência da alma ou espírito, a manifestação ostensiva dos que impropriamente chamamos *mortos*, tornou-se coisa trivial, uma vez que a nós outros foi dada a possibilidade de entrarmos em contacto com o mundo dito do além.

A Codificação, por sua vez, deu-nos as regras e normas, ensinando o meio e

o modo, para que esse intercâmbio pudesse se realizar com êxito.

No *Livro dos Mediuns* estão contidas todas as instruções e as advertências sábias do Codificador; orientação segura e uniforme, acerca dêsse original comércio, dadas pelos seus prestimosos auxiliares, por êle legadas com amorosa preocupação aos seus pósteros.

E' bem verdade que, por vezes, estas instruções e preceitos, são descurados e deixados de parte por um grade número de adeptos, promovendo, mesmo, alguns, uma série enorme de alterações e deturpações, ferindo fundo e seriamente, a pureza daquilo que houvera sido aconselhado na obra acima citada.



Tais deturpações têm dado lugar a que ultimamente venham aparecendo na imprensa espírita comentários desairosos sobre o modo como em certos meios vêm procedendo algumas organizações, com respeito a realização de sessões ditas práticas, as quais deixam muito a desejar, quanto aos métodos e prática utilizadas, contrariamente ao que foi preceituado pelo Codificador, para orientação das mesmas, dando lugar a serem consideradas por alguns *espíritos fortes*, como *sessões de câmaras mortuárias*...

Allan Kardec, esse grande missionário da Nova Revelação, ao construir o formidável monumento da Doutrina Espírita, teve em mira dirigir-se de preferência aos sofrendores e desherdados da sorte, e por isso em breve tempo, passou ela a ser adotada por considerável número de criaturas. Homens de todas as classes e todos os meios sociais, fizeram-se seus adeptos. Era natural, portanto, que os vaidosos e presunçosos, ao envez de se amoldarem ás exigências da disciplina da nova crença, trouxessem os hábitos e caprichos das suas antigas religiões. Esta circunstância deu lugar a que essas criaturas procurassem enxertar nos núcleos onde pontificavam, os absurdos que julgavam possíveis a sua introdução, tais como casamentos, batizados, rituais, sacramentos e outras práticas exdrúxulas, com uma tendência muito acentuada, como preocupação única, para as sessões de manifestações—uma vez que não podiam se emancipar de pronto das tradições seculares, sem todavia, atentar no grande mal que faziam à doutrina nascente e do ridículo a que se expunham.

Daí surgirem Centros e mais Centros, com santuários, velas, luzes de vários matizes, obrigando os seus frequentadores ao uso de uniformes, charutos, além de outras cousas mais, práticas estas que nos forçam a classificar estas agremiações espíritas; apenas no momento que abusivamente usam e nada mais.

A Doutrina espírita, não tolera estas práticas que são contrárias a tudo o que ensina, e as regras que estabelece para os trabalhos ditos práticos, considerando tudo o que se faz por aí em fóra, nêsse sentido, como verdadeira profanação de sua finalidade moral e cristã, num flagrante atentado a sua característica simplicidade.

Essa tendência para a adulteração e

prevaricação, e conseqüente abastardamento da Doutrina, não escapou ao senso do Codificador, quando afirmou que ao lado das múltiplas consolações e benefícios que a todos traria, a prática do Espiritismo ofereceria muitos e sérios perigos, que convinha prevenir e combater.

Portanto, tudo o que se fizer ou escrever em Espiritismo contrariando as suas regras básicas, póde ser tudo, menos Espiritismo.

\* \* \*

E apenas como ilustração destas notas, vamos transcrever, alguns trechos de uma comunicação do espírito de Eça de Queiroz, extraída do 3.º Volume da obra «DO PAIZ DA LUZ», obtida pelo médium Fernando de Lacerda, onde aquê le espírito vem nos dizer das decepções que tivera ao se comunicar com o nosso plano, tal o desarrazoado das perguntas que lhe foram feitas.

Disse êle:—«Imagina que quizeram que eu lhes dêsse informações prontas e seguras sobre os dois problemas mais sérios e mais transcendentés a que póde abordar a investigação humana:—O que é Deus, e o que representam, em face da doutrina espírita, os animais da escala inferior:—se futuros espíritos humanos em evolução, se espíritos próprios de cada espécie. Espera-se que o primeiro de nós apareça despreocupadamente, como o caçador espera o incauto láparo, que vai deitar-se ao sol, à bôca da lousa e dispara-se-lhe uma saravada de perguntas, em que se mistura o desejo de saber se o Padre Eterno é aquêie venerando ancião de longas barbas nevadas, que as oleografias baratas popularizam; com o desejo de saber qual é a doença de que sofre o marido da senhora dona Fulana, ou se a interessante menina de tal casará com o seu não menos interessante adorador Fulano... E não será raro quererem fazer de nós adivinhadores de bilhetes de loteria, pesquisadores de ricos tesouros escondidos pelas moutas encantadas ou pelos nossos heróicos avós, quando fugiam diante dos famintos soldados de Napoleão; agentes de casamentos, vigilantes de maridos infieis, portadores de recadinhos amorosos e não sei quantas coisas mais, das muitas que germinam e florescem na parte louca de cada cérebro humano. Eu sei que tudo se póde perguntar, e tudo póde obter lindas respostas. Se aí a parte néscia da humanidade cu-



riosa, fecunda e páre tão graciosos disparates, aquí também a parte velhaca e má da humanidade livre, tem bôjo para se divertir à custa das ingenuidades ou das ambições que os encarnados revelam. Nem eu, nem ninguém aquí, póde responder com verdade e bôa fé a todas as perguntas que nos fizerem. Cada um de nós sabe só a parte limitadíssima que cabe na esfera dos seus conhecimentos individuais. A oniciência ainda não atingiu êste mundo. Há vulgarizada nêsse mundo a falsa idéia de que a morte é banho miraculoso, ao sair do qual se fica inteiramente sábio. Não descontavam, sequer, a possibilidade de que eu não fôsse dos favorecidos por Calíope nos dons da eloquência, sendo assim uma exceção rara da aluvião cogumelesca de Cíceros com que Deus dotou a nossa terra. O raciocínio era: — sabia escrever? devia saber falar. Não tinha sido um *Demosthenes* nêsse mundo? Devia ser um *S. Crisóstomo* nêste l»

Certo é que inconveniências dessa espécie só podem acontecer nos meios pouco esclarecidos, mal orientados, portanto. Contudo, englobar numa só classificação — *câmaras mortuárias* — todas as reuniões espíritas de carácter mediúnico, porque algumas pecam pela sua má orientação, é um grande contra-senso.

*Leon Denis*, emérito discípulo de *Allan Kardec*, que viveu muito de perto as verdades espíritas, também sentiu grandemente a necessidade do estabelecimento de regras que fizessem perseverar o Espiritismo das mistificações e prevaricações, chegando a dizer: «A proporção que o Espiritismo se divulga, mais imperiosa se faz sentir a necessidade de estabelecer regras positivas, condições sérias de estudo e experimentação. E' preciso evitar aos adeptos amargas decepções e a todos tornar accessíveis os meios práticos de entrar em relação com o mundo invisível». (*NO INVISÍVEL*).

E' preciso jamais esquecer que o estudo do mundo invisível requer muita prudência e presciência.

«Há, portano, grande perigo — prossegue *Leon Denis* — para aquêle que se entrega sem reservas à experimentação espírita. O homem de coração réto, de razão esclarecida, e madura, poderá colher dela consolações inefáveis e preciosos ensinios. Mas, aquêle que só fôsse inspirado pelo interêsse material, ou que só visse nêsse facto um divertimento frívolo,

tornar-se-á fatalmente objeto de uma infinidade de mistificações, juguete de espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captariam a sua confiança para depois acabrunhá-lo com decepções e zoinbarias». — *DEPOIS DA MORTE* — pag. 217.

\* \* \*

Nem por isso, devemos furtar-nos à prática do Espiritismo. Os perigos que nos ameaçam, em virtude de uma prática imperfeita, deve ser motivo de estímulo para melhormente aparelhar-nos para ela, aumentando o âmbito dos nossos conhecimentos, com a consequente elevação do nível da nossa moralidade; dêsse modo, diminuiremos de muito as possibilidades de incorreremos em faltas, cometendo êrros, e assim poderemos conseguir, através da palavra dos espíritos, indiscrítiveis consolações.

Não se poderia mesmo compreender um Espiritismo sem sessões práticas, porque, será sempre através delas, quando bem orientadas, que chegaremos a obter os ensinios dos Espíritos Superiores, que terão por missão fazer a Revelação prosseguir.

«A nossa indiferença para com as manifestações espíritas — diz *Leon Denis* — não nos privaria sómente do conhecimento do futuro do Além túmulo; pois nos desviaria também da possibilidade de agir sôbre os espíritos infelizes, de lhes amenizar a sorte, tornando-lhes mais fácil a reparação de suas faltas. Os espíritos atrazados tendo mais afinidade com os homens do que com os espíritos puros, em virtude de sua constituição fluídica ainda grosseira, são por isso mesmo mais accessíveis à nossa influência». (*DEPOIS DA MORTE*).

Por esta razão, a que alude *Denis*, os espíritos sofredores necessitam de nós, mas, quasi sempre nós encontramos em situação inferior a dos apóstolos, que não puderam curar um lunático, e apelaram para Jesús!...

Não se nega que a principal finalidade da Doutrina Espírita, é a doutrinação daqueles que ainda se encontram presos à matéria, ou seja dos chamados *vivos*, e a sua consequente iluminação, de modo que, uma vez transposto os humbrais da Espiritualidade, não devam ir aumentar as falanges dos espíritos sofredores.



res, dispensando, portanto, o comparecimento às sessões mediúnicas, para a sua doutrinação.

A concretização dêsse ansêio de perfeição na objetivação prática, todavia, pertence ao futuro.

Impõem-se no momento criar no ambiente doutrinário o espírito missionário, onde cada um procurará integrar-se verdadeiramente na missão que lhe fôra atribuída na Espiritualidade, e que fará o homem levar mais a sério as suas responsabilidades espirituais dentro da vida, buscando marchar sempre para a frente e para o alto, com os olhos fitos na figura impoluta de Jesus!

*André Luiz*, focaliza muito superiormente, no seu livro — *OS MENSAGEIROS*, a missão do obreiro da Vinha do Senhor.

«O bom servo — diz, êle — deve estar preparado para o serviço do Senhor, em qualquer circunstância, porque êle não vem ao mundo para um descanso injustificável, mas para lutar pela sua melhoria, a despeito de todos os impedimentos fortuitos. O missionário — prossegue *André Luiz* — é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que coisa alguma o exonera das culpas adquiridas».

Quando os obreiros esquecem o espírito missionário, da dedicação e da abnegação aos seus semelhantes, transfor-

mam-se em instrumentos inoperantes, ou seja, inúteis.

O bom obreiro deve estar revestido do espírito de renúncia e de altruísmo, para que assim possa trabalhar no sentido de fazer sentir a todos a necessidade da realização em si de uma superior edificação espiritual. Porque nenhum obreiro deve esperar subir em graças, sem esforço, sem lágrimas e sem sacrifícios!

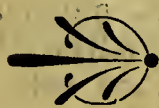
Era necessidade imperiosa para todo aquêle que desejasse seguir a Jesus, deixar pai, mãe, bens, amigos, tudo, para que a sua única preocupação fôsse uma só — Jesus!

Todavia, não esqueceu de recomendar: — «A quem mais se dêr, mais se pedirá».

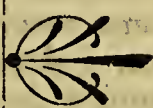
Devemos todos trabalhar pela conservação da pureza doutrinária, em todos os seus variados setores, com espírito missionário, combatendo tudo que tenha o caráter de falsificação e adulteração dos seus divinos e sagrados postulados, jamais esquecendo a advertência pauliana, de que é preciso «guardar-nos dos maus obreiros» (Felip. III 2), e como «a Seára verdadeiramente é grande, mas os obreiros são poucos, roguemos ao Pai para que envie obreiros à sua Seára» (Mat. IX-37/8).

J. B. Chagas.

Nova Igussú, Novembro de 1946.



## UMA CARTA



Curitiba, 18 de Fevereiro de 1947

Sr. Dr. AUSTREGESILO DE ATHAYDE

Redação de «O Cruzeiro»  
Rio de Janeiro

Assíduo leitor da valente revista, de que V. S. é digno Diretor-Secretário — «O Cruzeiro» — costume ler, em primeiro lugar, e com muito agrado, os artigos de sua autoria, eivados, sempre, de profunda sabedoria e sentimentos cristãos, o que os torna atraentes e inconfundíveis.

Com tal disposição, li o seu trabalho «A PERENE REVOLUÇÃO DO CRISTO», constatando, a pesar meu, que V. S. como muitos outros intelectuais patrícios, confunde catolicismo com Cristianismo, quando é chocante o contraste entre ambos.

Mas, como podem — o catolicismo — partido político estrangeiro, de atuação universal e — a Igreja — a maior organização financeira do mundo, operando em todos os negócios, inclusive bancários, ser confundidos com o Cristianismo?

Cristo pregou e exemplificou o amor, a humildade, o perdão, aman-



do e perdendo e pedindo, ainda, no momento cruciante do seu martírio, o perdão do Pai, para seus algozes que — dizia — «não sabem o que fazem».

A Igreja, para maior domínio espiritual e político da humanidade, instituiu a «santa» Inquisição que durante trezentos e tantos anos, condenou à morte, à deshonra, à maldição, ao confisco dos bens, muitos milhares de pessoas inocentes, pelo único crime de discordarem de seus dogmas obsoletos, anticientíficos e anticristãos.

Cristo disse: — «Dai de graça o que de graça recebestes».

A Igreja não presta um único serviço grátis aos seus crentes, cobrando até o dobre dos sinos, nos funerais...

Cristo viveu na humildade e na pobreza, junto aos pobres e humildes e os «seus» representantes vivem no fausto, no meio dos ricos, disputando os melhores lugares dos banquetes e festas, interferem ostensivamente

na política e estão sempre dispostos a agradar a Cezar...

As comparações são odiosas, bem o sei, mas, incontestáveis!

Assim pois, de acordo com as profecias, o fim próximo que se espera, não é o do Cristianismo que será eterno e salvará o mundo, mas o do Catolicismo que tem explorado miseravelmente a humanidade, semeando a discórdia e as guerras e mantendo o povo ignorante das verdades simples do Evangelho de Jesus. Aos sacerdotes de seu tempo, com menos vícios e paixões que os da atualidade, Cristo disse: «As prostitutas e os ladrões vos precederão no reino dos Céus».

Finalmente é cristão o que, embora não parecendo, obra cristãmente ou o que se dizendo tal, age fari-saicamente?

Que a paz de Jesus reine em seu coração é o que deseja

A. Oliveira Lima.

# Crônica Estrangeira

## A menina milagrosa

«Constancia»

Londres (U. P.) — Apareceu na Índia uma menina de 12 anos que, segundo parece, é dotada de poderes milagrosos. Comunica de Jhansi o correspondente do Exchange Telegraph, que esta menina, empregada doméstica, certo dia encontrava-se em meio a uma multidão, quando tocou um leproso e o enfermo curou-se instantaneamente. No domingo passado — acrescenta o correspondente — curou certa menina do Bombaim, que era cega de nascimento. No mesmo dia tocou um paralítico de Nagpur, que sofria há vários anos, e no mesmo momento curou-o de seu mal. Acrescentam que milhares de pessoas procedentes de Bombaim, Calcutá e Madras, assim como de outras cidades da Índia, estão chegando à aldeia de Jhansi para verem a empregadinha que realiza tais prodígios.

\*

## Um caso de cura à distância

«Psychic News» e «Spiritualisme» publicaram o seguinte:

A 5 de Janeiro de 1946, morreu, aos 73 anos, o célebre curador PARISCH. O mesmo que tratou de 500.000 enfermos, geralmente casos desesperados, incuráveis que tinham feito a via dolorosa a consultórios médicos, hospitais, especialistas para ouvirem dizer que nada poderia ser tentado em benefício deles. E graças à sua faculdade, PARISCH obtinha resultados maravilhosos: os exames médicos e as chapas radiográficas o provaram.

Em resumo, reproduzimos um caso de cura à distância relatado por J. A. Goodrik:

Um carteiro do Nordeste da Inglaterra fôra atingido por uma moléstia misteriosa, cuja causa o médico da família atribuía a uma exressência na cabeça.

O homem foi mandado para o hospital e examinado por especialistas que



declararam inútil a operação; o enfermo estava condenado:

No último extremo, sua mãe escreveu a um médium curador, pedindo seu auxílio para salvar o filho moribundo. Era sempre a mesma cousa: recorreu ao médium curador quando a medicina oficial fracassou.

W. T. PARISCH, o curador consultado, sem perda de tempo, apelou para as forças espirituais que operavam por seu intermédio. Ele escreveu á mãe: «Eu vos asseguro que, quando é necessário, permitem-me visitar, em espírito, os enfermos, quando adormecidos, afim de lhes dar tratamentos espirituais.»

PARISCH sabia o que significava poder seu espírito ir visitar os que tinham necessidade de seu ministério.

Tratava-se do corpo espiritual ou perispírito que fora visto bastas vezes.

Refleta-se, á luz dessa faculdade, sobre o que a mãe do carteiro «moribundo» escreveu a PARISCH numa carta posterior:

«Há um mês que meu filho está se restabelecendo. Ele diz a sua mulher e á cunhada que o velam:

Eu me sinto bem. Alguem tirou algo de minha cabeça. Era um homem. Senti que êle pôs uma das mãos sobre minha cabeça.

Depois disso, as melhoras se acentuaram gradualmente. Seu médico, tomado de assombro, o levará para o hospital, para que os especialistas constatem a cura. Meu filho permaneceu no leito durante cinco meses; recentemente êle veio me visitar, em automóvel».



## No domínio dos factos

(Publicação póstuma)

Um caso singular de sonho contado por Charles Richet. «No dia 3 de setembro de 1916, por ocasião do ataque na região entre Maurepaz e Cléry, um dos pontos mais agitados da Somme, o tenente... do batalhão 15.<sup>o</sup> de caçadores alpinos foi atingido por bala, nos dois braços e deixou a linha de fogo, onde estava, para passar à retaguarda; quinze dias a seguir faltou, de noite, à chamada. Procuraram-no em todas as ambulâncias e como não fôsse encontrado foi inscrito

como desaparecido. No dia 8 de setembro o batalhão 15.<sup>o</sup> de caçadores alpinos voltou ao mesmo setor, onde a linha, devido ao sucesso de 3 de setembro, tinha sido levado para 3 quilómetros de distância pouco mais ou menos. Na noite de 18 para 19, um amigo íntimo do tenente desaparecido, também tenente, que comandava o canhão 37 do mesmo batalhão, teve um sonho terrível: viu o seu amigo agonizando numa cova funda, ao pé de um salgueiro, lamentando-se amargamente por se ver assim morrer sem ter quem o socorresse. Impressionado por este sonho, M. V. foi contá-lo ao chefe do seu batalhão. O comandante apesar de conhecer o sangue frio e septicismo do oficial, não tomou o caso a sério, porém, por compazer, concedeu-lhe curta licença para que êle fizesse o seu inquérito nos arredores. M. V. a medida que se aproximava do vale de Creux, mais se admirava de deparar com o quadro que êle vira em sonho. Ao pé de um salgueiro estava uma tabuleta com a seguinte inscrição: «Aquí jazem dois soldados franceses». O tenente M. V. fez revolver a terra e encontrou os restos do seu amigo perfeitamente identificados. A inumação tinha se realizado havia, apenas, uns 15 dias — «Quem será capaz de explicar, de maneira satisfatória, semelhante acontecimento?» — pergunta Charles Richet. A ciência, um dia, desvendará o mistério.

Os fenômenos psíquicos desempenham o mesmo papel que, nas guerras, as fortalezas voadoras, arrazam, destroem a incredulidade. Martelemos nos factos.

O cura de Beaux de Breteuil (Eure), em carta dirigida a Camilo Flammarion refere o que se segue: «Um alfaiate, Alexandre Drouat, de 26 anos, dormia tranquilamente quando foi despertado por sua mulher que gritava afluivamente sob o domínio de horrível pesadelo. — «Que tens tu?» — perguntou-lhe o marido, acordando-a. A pobre senhora explicou-lhe que estava sonhando que o via morrer após uma agonia de alguns instantes. — «Les songes sont mensonges» (os sonhos são mentiras) — lhe respondeu êle, — «e a prova é que estou aquí cheio de saúde e sem vontade alguma de ir para o outro mundo; socega e dorme que é melhor». Dizendo isto, levantou-se para beber um pouco d'água e voltou a deitar-se. Uma hora depois, seriam 4 horas da manhã, Mme. Drouat acordou e, verificando que



seu marido, que parecia dormir, não respirava, assustadíssima chamou os vizinhos e a seguir o médico, o dr. Bussi que confirmou a morte do pobre homem, causada, segundo sua opinião, por uma síncope cardíaca». Quem avisou Mme. Drouat que seu marido ia morrer? Como pode ela vêr em sonho o que iria suceder daí a pouco? O presente caso assume um carácter bastante interessante e inexplicável pela circunstância de ter sido o aviso feito algumas horas antes de realizar-se a morte. Mas o facto, por inexplicável, não fica destruído. O futuro um dia desvendará o mistério.

*Frederico A. Gomes.*



## Efeitos físicos da música

«*Constância*» transcreveu de «*Evolución*»:

Durante milênios tem sido constatado os efeitos terapêuticos da música. Mas foi sómente no último século que esta fórmula terapêutica foi colocada no lugar que lhe compete entre as artes curativas. Realizaram-se muitas experiências para determinar os diversos efeitos da música e este conhecimento é empregado vantajosamente. A terapêutica musical está sendo empregada em muitos hospitais na alienação mental. Os Drs. Altschuler e Shetesta descobriram em suas experiências com enfermos insanos, internados no Hospital de Elvisa, Michigan, que a música suave e doce é trinta e cinco por cento mais eficaz que as compressas frias, geralmente empregadas para acalmar alienados mentais. Naquêl hospital empregam extensamente a terapêutica musical. Para os pacientes violentos tocam música suave; e para deprimidos e letárgicos, prescrevem música alegre.

Muitas firmas manufactureiras progressistas, usam a música com proveito. Descobriram que os operários trabalham com menos fadiga e com mais eficiência, especialmente quando o trabalho é monótono. Alguns dentistas já empregam a música para auxiliar a anestesia. Verificaram que músicas apropriadas diminuem a dor.

Em casos de insônia, executam as seguintes seleções: O Danúbio Azul de J. Strauss, Humoresco por Dvorak, Sonata da Meia Noite por Beethoven, A Tarde

de um Escravo por Debussy, A Serenata de Schubert, as Patinadoras por Waldteufel e a Bôda dos Ventos por Hall.

Indubitavelmente descobrir-se-á que as seleções mencionadas darão magníficos resultados para conciliar o sono.

Quando a tristeza deprime o ânimo, experimentem-se estas seleções á guisa de tônico; Prelúdio, Op. 28 N. 1 de Chopin, marcha movimento da Sinfonia Patética por Tchaikovsky, Rápsodia Ungara N. 2 por Litz, Overture Egmont por Beethoven e Côro dos Peregrinos de Tannhauser por Wagner.

*Ray Van Cleef*



## Notável caso de bilocação

O Journal of the S. P. R. (1929) publicou este caso. É um episódio da primeira Grande Guerra. O próprio protagonista o comunicou ao prof. Oliver Lodge que, a seu turno, o transmitiu ao diretor do mencionado jornal.

Importa notar que todos quantos têm passado pela experiência do desdobramento conservam inabalável a convicção de terem assistido à separação de seus espíritos dos respectivos corpos e, conseqüentemente, conservam, também, inabalável, a certeza de que o espírito sobrevive à morte do corpo; existindo as personalidades conscientes, sensitivas e inteligentes ao espírito, fóra de seus corpos, estranhos aos corpos.

Eis o caso de bilocação:

«...Deixámos Monchiet à tarde e, depois de horrível marcha por uma estrada em que se escorregava continuamente, pois não havia um palmo de terreno que não fôsse lama misturada com neve derretida, chegámos a Baumetz, já noite. Brevíssima parada e de novo em marcha para Wailly, na linha de fogo. Aí penetrámos numa trincheira de comunicação, patinando na água lodosa. Aquela trincheira tinha 1.800 metros de comprimento e, nos parecia interminável. O lôdo líquido nos chegava aos joelhos, ao mesmo tempo que um chuvisco gelado nos flagelava implacavelmente o rosto, enregelando-nos até aos ossos. Chegámos, afinal, à linha de fogo, onde substituímos um batalhão francês. Encontrámo-nos na pior



das trincheiras. Desde muitos meses, nenhuma reparação aí se fizera. Em vários pontos estava desmoronada e não protegia do fogo inimigo as nossas cabeças; estava toda ela transformada numa gamela de estrume líquido. Eu e H. fomos imediatamente mandados a montar guarda. Estávamos tão extenuados, que nem tínhamos forças para mal-dizer a sorte. O corpo estava exausto, enxarcado, enregelado até á medula pelo chuvisco implacável que nos flagelava, morriamos de fome, sem qualquer esperança de alimento. Não havia meio de acender o fogo. Nem uma polegada de terreno para nos assentar, nenhum palmo quadrado de parapeto atrás do qual pudessemos calar a fome com uma cachimbada. H. e eu jamais houveramos acreditado possível que a tal extremo pudessem chegar os sofrimentos inflingidos a criaturas humanas. Contudo, já havíamos experimentado muitas noites de inaudito martírio.

Muitas horas se passaram naquela horrenda situação, quando, de-repen-

te, tudo mudou para mim. Tornei-me consciente, certissimamente consciente de achar-me fóra de meu corpo. Verifiquei que o meu «Eu» real, consciente, o espírito — pouco importa o nome — se havia totalmente libertado do organismo corpóreo e, de fóra dêste, eu contemplava aquele mísero corpo vestido de cinza-verde, que era o meu corpo, mas olhava-o com absoluta indiferença, pois que, embora certo de que aquêle corpo me pertencia, já não havia laços que me prendessem ao seu martírio e o considerava como pertencente a outrem. Sabia que êle deveria estar sofrendo de maneira horrível; porém eu, isto é, o espírito, não sentia coisa alguma. Enquanto estive naquela condição de existência, o facto me parecia natural; só quando de novo entrei no corpo, me convenci de que passara pela mais maravilhosa experiência de toda minha vida... Nada jamais poderá abalar a minha convicção íntima e profunda de que naquela noite infernal, o meu espírito temporariamente esteve separado do meu corpo...»

## ESPIRITISMO NO BRASIL

### Em torno das comemorações do 1.º Centenário do Espiritismo

#### UMA SUGESTÃO

Cada vez mais se aproxima o dia 31 de Março de 1948. Data histórica nos anais do Espiritismo que assinala — sabem todos — o alcance de cem anos vividos desde que se produziram em Hidesvile os fenômenos espirituais que ficaram registrados como sendo as primeiras manifestações supranormais da categoria «fenômenos de efeitos físicos» — no caso os denominados «raps» ou «golpes batidos». Daí o dizer-se que o Espiritismo codificado por Allan Kardec teve o nascedouro naquela localidade, dia e mês citados, em 1848. Esta é a opinião diremos que geral, conforme estamos a vêr pelo que se há escrito a respeito.

Na colaboração anterior, inserida neste mesmo semanário, dissemos do que ia relativamente ao dr. J. Larkin, a quem Ernesto Bozzano prestou homenagem no «Remontando as Origens», tendo-lhe atribuído prioridade no caso. Mas, o de que nos vamos ocupar agora é coisa diferente. Traz-nos a estas colunas o desejo de exteriorizar — endereçando-a aos nossos órgãos de publicidade — a inspiração que nos anima.

Trata-se de prestar uma homenagem ao codificador da Doutrina Espírita, por ocasião das comemorações que se realizarão — urbi et orbe — na data já citada, fazendo-se-a de maneira solene e imorredoura.

Allan Kardec — quem não sabe também — aí está na biografia que Henri Sausse escreveu. Se isto não bastasse, aí está o Espiritismo que êle codificou: bússola para os que o sabem compreender e sabem senti-lo.



Supérfluo seria, pois, estarmos a tornar largo êste artigo com apreciações sôbre o Mestre e a sua obra para justificarem a nossa sugestão. Ei-la, dêde logo, na sua expressão significativa :

Inaugurar-se-ia na Capital Federal, no dia 31 de Março de 1948, o monumento a Allan Kardec.

Desse modo os espíritas brasileiros sagrariam no bronze, como que a apontar a estrada da Verdade aos caminhanes, o vulto inconfundível do Missionário da Terceira Revelação.

Esta a nossa lembrança, para a consecução de cujo êxito — a vingar — teríamos para alimentá-la o subsequente plano que submeteríamos á consideração de nossos pares: Seria constituída no Rio de Janeiro a Comissão Central Pró Monumento a Allan Kardec. Esta, por sua vez, estabeleceria comissões estaduais para o mesmo fim. Teríamos então a Comissão Rio-grandense Pró Monumento a Allan Kardec, a Comissão Paulista Pró Monumento, Comissão Mineira, Pernambucana, etc. Disposto o traçado geral para a obtenção de fundos pró ereção do monumento, o que se seguiria a isto seria... pôr mãos á obra!

Cremos que os dezesseis meses que nos separam do de Março de 1948 são de alguma forma suficientes para se antecipar o sucesso do empreendimento.

Valendo-se da vantagem de estar o «MUNDO ESPÍRITA» sediado ali junto da Comissão Central referida, poderia ser o porta-voz dessa Comissão, através de uma página para êsse fim criada.

E, para terminar as considerações que nos afloraram ao pensamento, repetimos com H. Sausse:

**HONRA! HONRA E GLÓRIA A ALLAN KARDEC!**

*Ruy Vargas.*

De «Mundo Espírita» de 25-1-1947.

## Homenagem a Cairbar Schutel

Os Centros Espíritas «Cairbar Schutel», «João Fusco» e «Ismael» realizaram no dia 2 de fevereiro p.p. na séde do Centro Espírita «Cairbar Schutel», à rua Bibi n.º 7-A, na Capital, uma sessão em homenagem ao espírito de Cairbar Schutel, da qual tomaram parte todos os diretores, sócios e alunos dos aludidos centros.

A sessão, que contou com a presença de mais de 500 pessoas, teve início ás 15 horas, sob a direção dos diretores da Associação de Propaganda Espírita do Estado de São Paulo, com o seguinte programa: Abertura dos trabalhos com uma prece: Nilze Pagliarini, «Biografia de Cairbar»; Amelia Massimo, «Biografia de João Fusco»; Euzapia Paladina, «Biografia de Allan Kardec»; Lourdes S. Santos, «A criança é o futuro»; Hermínia Scalioni, «A Cruz»; Alice Lupo, «Oração ao Cruzeiro»; Mauricio Guidini, «Vida e Destino»; Matilde Sanchez, «Minha Mãe»; Olga Salomão, «Negreiros»; Geny de Oliveira, «Depois da Morte»; Elias Neif, «Eu não vou pra isto»; Francisco de Assis, «Deus»; Lourdes Sales Santos, «O Carnaval e a Moral»; Nadir Guidini, Versos aos Espíritas; Olimpio Neto, «Cairbar» e muitas outras poesias e diálogos por crianças do catecismo de referidos Centros. Usaram da palavra ainda os seguintes confrades: Alfredo Pagliarini, Thomé de Souza Fusco, Angelo Beloni, Washington Soares, Romeu Maretti, Januario Medici, Nivia Pagliarini, Maria Beloni, Firmina Guidini e outras.

Foram distribuidos cerca de 200 livros espíritas de Kardec, Cairbar, Chico Xavier aos alunos que mais se destacaram durante o ano de 1946, boletins de João Fusco e grande quantidade de brinquedos, roupas e dôces a todos os alunos que ali compareceram.

A sessão encerrou-se ás 22 horas com uma préce.

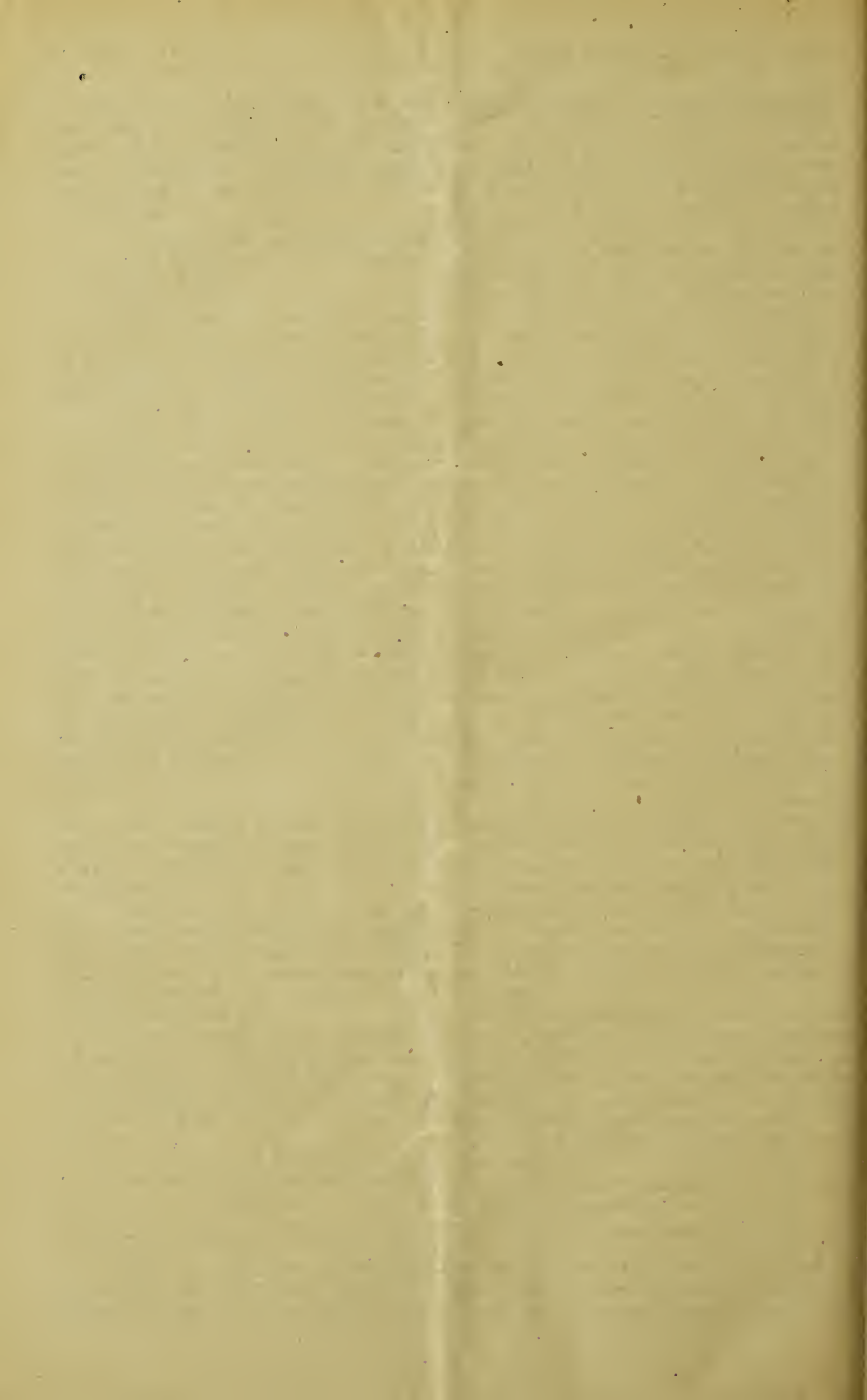
---

*Não vos atribuleis em demasia com as cousas do mundo. Sem vos esquecerdes dos vossos deveres materiais, tende sempre em mente o cumprimento dos deveres espirituais, o que pode ser feito em todos os instantes.*















# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e Ecos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

**NUMERO AVULSO CR. \$2,00**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro







